

Resenha

A vontade na palavra – a idéia de emancipação em “O mestre ignorante”

MARCOS VILLELA PEREIRA*

Desde sua publicação no Brasil (em 2002), muito se tem escrito acerca dessa que considero uma obra-prima do pensamento pedagógico. Entretanto, dada a fertilidade dessas letras, não vou me furtar de apresentar alguns comentários pontuais a seu respeito.

Esse livro, escrito por Jacques Rancière, conta a história de Joseph Jacotot, um professor em pleno Século das Luzes que, diante de um desafio inusitado, rompe com o paradigma clássico de ensinar. Na contramão da maiêutica socrática, J. Jacotot investe em uma relação entre mestre e discípulos pautada na aproximação de suas vontades. O livro apresenta as vicissitudes dessa difícil jornada, cuidadosamente analisada pelo filósofo, debulhando a experiência da concepção e da produção do Método de Ensino Universal. Emancipação versus embrutecimento é o tenso binômio que serve de horizonte para a narrativa e a análise que sustentam a hipótese de que qualquer um, com base no que sabe, pode descobrir pontos de articulação com o que não sabe e, no exercício da comparação, do ensaio e da associação, vir a apropriar-se de seu próprio impulso de saber. “O que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas a crença na inferioridade de sua inteligência”, afirma.

Na passagem do diálogo platônico, o escravo de Mênon se depara com a incapacidade de descobrir qualquer coisa sem o auxílio de um mestre explicador que lhe conduza. Jacotot abdica dessa posição do-que-sabe para colocar-se ante seus discípulos não pela erudição ou pela inteligência (que uns, supostamente, têm mais ou menos do que os outros), mas pela vontade de saber, pela gana de saber o que ainda não sabe. Os discípulos eram habituados a aprender por efeito da condução por um mestre, em uma prática de explicação e compreensão. Como o

* Doutor em Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS. *E-mail:* marcos.villela@puers.br

escravo, compreendem o que lhes é explicado mas não são donos desse saber; são capazes de obedecer essas verdades aprendidas mas não são capazes de produzi-las.

Jacotot desloca essa questão quando afirma que a virtude da nossa inteligência está mais em fazer do que em saber. E, como esse fazer é, fundamentalmente, um ato de comunicação, é pela fala que o saber prolifera: “os pensamentos voam de um espírito a outro nas asas da palavra”, diz o mestre; “todo saber fazer é um querer dizer”, verifica Rancière.

Não era sua idéia, entretanto, fazer do Ensino Universal uma única alternativa um modelo de redenção. Também se aprende coisas na escola dos embrutecedores, diz Rancière. “Um professor não é, nem mais, nem menos inteligente do que qualquer outro homem; ele geralmente fornece uma grande quantidade de fatos à observação daqueles que procuram”, afirma, reiterando a idéia de que não devemos confundir o professor com o emancipador: um professor é alguém que desempenha uma função social no âmbito de uma instituição. E não há instituição boa. O professor até pode postular a emancipação mas está longe de poder investir-se dessa condição como essencial. A polêmica da emancipação está posta. Definitivamente, afasta-se a perspectiva da emancipação das convencionais associações com práticas de conscientização ou de libertação, à moda freireana. Ainda que haja convergência dos vetores políticos, há diferenças substantivas. Conforme esclarece o próprio Rancière, a proposta freireana está dirigida para o coletivo, enquanto que a intenção jacotista dirige-se ao indivíduo; igualmente, a proposta de Jacotot não busca institucionalizar a igualdade mas investir no desenvolvimento da vontade individual; por fim, o Ensino Universal não é um método mas um postulado em defesa de tornar visível e praticar uma relação vigorosa e não hierárquica entre as vontades e as inteligências.

Num arrebatamento anti-socrático, diz sabiamente Rancière que “quem quer emancipar um homem deve interrogá-lo à maneira dos homens e não à maneira dos sábios, para instruir-se a si próprio e não para instruir um outro”.

REFERÊNCIAS

RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual* (trad. Lillian do Valle). Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VERMEREN, Patrice; CORNU, Laurence; BENVENUTO, Andrea. Atualidade de O Mestre Ignorante – entrevista com Jacques Rancière. In: *Educação e Sociedade*, v.24, n.82, Campinas, 2003.

Educação

Porto Alegre – RS, ano XXVIII, n. 3 (57), p. 547 – 548, Set./Dez. 2005